

PRODUÇÃO DE FOTONOVELAS PARA DISCUSSÃO DE MITOS SOBRE A LIBRAS

Egle Katarinne Souza da Silva¹
Adriana Moreira de Souza Corrêa²
Alanna Gadelha Batista³

RESUMO

Desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de relatar a experiência de produção de Fotonovelas para discutir mitos que circulam socialmente sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), o surdo e a surdez com vista a estimular o aprendizado dessa língua. Participaram da pesquisa, discentes dos cursos de licenciatura em História, Matemática, Física e Química de uma universidade pública federal do Alto Sertão Paraibano. Trata-se de um relato de experiência em que os resultados foram analisados de maneira qualitativa. Foram desenvolvidas dez Fotonovelas nas quais os discentes abordaram temáticas que envolvem amor, amizade, violência, exclusão, situações de ensino, entre outros. A produção da fotonovela estimula que, na construção da narrativa, os estudantes insiram aspectos culturais e/ou fatos do cotidiano, permite que eles se percebam como personagens das Fotonovelas desenvolvidas, que vivenciem atividades pautadas no uso de linguagens verbais e não verbais e, assim, possam refletir sobre a utilização dessas produções como estratégia para a abordagem de diferentes conteúdos na prática educativa.

Palavras-chave: Formação docente, Libras, Fotonovelas.

INTRODUÇÃO

Práticas de ensino de língua precisam envolver aspectos da cultura que permeiam as relações sociais nas quais esse sistema linguístico está inserido. Nesse sentido, a promoção de situações de ensino-aprendizagem sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) deve envolver aspectos relativos aos usuários dessa língua, ou seja, os surdos.

Assim, o trabalho em tela visa relatar a experiência de produção de Fotonovelas para discutir mitos que circulam socialmente sobre a Libras, o surdo e a surdez, de maneira a estimular o aprendizado dessa língua por discentes de licenciatura de uma universidade pública federal do Alto Sertão Paraibano. É importante destacar que a disciplina é ofertada como componente curricular obrigatório nas licenciaturas, portanto, a matrícula do discente pode estar associada somente ao cumprimento de créditos, desconsiderando o interesse desse pela temática. Diante disso, cabe ao docente das Instituições de Ensino Superior (IES)

¹Gestora da ECIT Cristiano Cartaxo, Mestra em Sistemas Agroindustriais pelo Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar da UFCG, eglehma@gmail.com;

² Professora de Libras do da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), adriana.korrea@gmail.com;

³ Licenciada em Pedagogia pela UFCG. Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia - FATEC, alannagadelha2014@gmail.com;

promover situações que estimulem a reflexão sobre a diversidade humana bem como acerca das diferentes formas de interagir e de aprender para que os temas discutidos sejam internalizados nas práticas dos licenciandos quando exercerem atividades de docência.

Em face do exposto, esse trabalho visa analisar a experiência de produção de Fotonovelas para a apresentação e conscientização sobre situações nas quais a pessoa surda é prejudicada em função do uso de um sistema linguístico diferenciado da maioria ouvinte. Para tanto, produzimos um relato de experiência, de uma atividade avaliativa realizada no período 2018.1, com licenciandos⁴ dos cursos de Física, História, Matemática e Química, envolvendo a produção de Fotonovelas. Os dados foram analisados em uma perspectiva qualitativa, na qual se buscou identificar os conhecimentos trabalhados na produção desse material como também as mudanças que precisam ser observadas pelos educadores que pretendem replicar a experiência em suas classes.

Portanto, para essa discussão, organizamos esse escrito em cinco seções: Introdução, que consiste na apresentação geral da pesquisa e o objetivo a ser alcançado; a metodologia, que orienta os leitores sobre o percurso metodológico abordado, facilitando a replicabilidade desta atividade pelos interessados; o referencial teórico, no qual as autoras expuseram os desafios de lecionar no ensino superior a disciplina de Libras, pautados na legislação brasileira e em autores que tratam sobre a temática; os resultados e discussões em que foram relatados o processo de produção das Fotonovelas pelos discentes envolvidos na pesquisa; e as considerações finais, nas quais foram sintetizada as nuances adquiridas ao longo do desenvolvimento dessa experiência.

METODOLOGIA

A investigação em tela se constitui em um relato de experiência de uma atividade avaliativa aplicada a uma turma da disciplina de Libras de uma universidade pública, localizada em Cajazeiras - PB que envolveu a produção de uma Fotonovela. O relato de experiência, para Daltro e Faria (2019) se constitui em um trabalho que envolve a análise de um processo em duas perspectivas: da coletividade e da singularidade. Isso porque, a narração envolve e imprime marcas do contexto sócio-histórico e dialoga com as visões teóricas e de mundo do pesquisador.

Diante disso, a análise qualitativa dos dados foi utilizada no sentido de que os dados produzidos por essas narrativas não são quantificáveis (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32)

⁴ Utilizamos os termos: discente e licenciando para nos referirmos aos alunos do Ensino Superior e a palavra estudantes para tratar dos alunos da Educação Básica.

e, portanto, requerem tratamento diferenciado para a produção dos significados. Para essas autoras, “Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores”. Assim, a pesquisa considerando as classificações apresentadas por essas pesquisadoras, se organiza em uma perspectiva explicativa, qualitativa e aplicada. Explicativa, pois visa identificar os fatores que levaram a alcançar determinados resultados e aplicada porque “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Para a coleta de dados utilizamos o diário de classe, registros de aula, registros da docente da IES e os materiais produzidos pelos discentes. Esses dados foram analisados à luz da literatura que abordam produção de roteiros e Histórias em Quadrinhos (HQs) como também destacam as possibilidades de aquisição de habilidades e conhecimentos mediados pela linguagem verbovisual.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA DISCIPLINA DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

A inserção da Libras como componente curricular no ensino superior foi fruto da regulamentação da Lei nº 10.436, a Lei da Libras (BRASIL, 2002), pelo Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005). Martins (2008) destaca que um dos obstáculos para o entendimento dos licenciandos sobre a relevância das temáticas trabalhadas nessa disciplina para a prática docente da IES foi o modo pelo qual esse componente curricular foi integrado nos mapas curriculares dos diferentes cursos, em outras palavras, seguiu o caminho da imposição por meio da legislação em detrimento de se pautar na percepção da importância dessa disciplina para a formação integral do professor.

Diante disso, esclarecer o licenciando sobre a educação inclusiva, que é o paradigma educacional (MANTOAN, 2015) a orientar as leis que regem a educação brasileira como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e, além disso, formar o licenciando para uma prática inclusiva com o surdo, é um desafio que envolve desde a sensibilização desse estudante para compreender a diversidade de formas de aprender dos alunos que compõem uma turma até discutir as especificidades que envolvem o ensino em uma classe formada por grupos heterogêneos, ou seja, que vivenciam situações econômicas, sociais, linguísticas e étnicas diferenciadas.

Assim, a disciplina de Libras ofertada na universidade que gerou esse relato visa fornecer subsídios para o trabalho em grupos compostos por discentes e educadores que interajam com pessoas que se comunicam por meio dessa língua. Dizemos discentes e educadores porque, em uma perspectiva inclusiva, pode ser matriculado um estudante surdo nas classes que o licenciando estiver realizando intervenções/estágio supervisionado, bem como a escola pode contar, no corpo docente ou em outros membros da comunidade escolar, com pessoas usuárias da Libras e de outros sistemas linguísticos. Ressaltamos que essa situação pode ocorrer tanto no período de formação quanto na prática após a conclusão do curso.

Em face do exposto, a disciplina de Libras, que geralmente conta com carga horária entre 30 e 68h/a (LEMONS, CHAVES, 2012), é desafiada a promover debates que envolvam a compreensão das especificidades linguísticas do surdo como também a relação da Libras e da visualidade com a socialização e o aprendizado do estudante; a sensibilização do educador para a inserção de estratégias didáticas voltadas para atender a turma que conta com o educando surdo; ensinar Libras, para interação do professor com o aluno surdo; compreender o trabalho dos profissionais que devem ser disponibilizados pela escola para favorecer a interação e o aprendizado desses educandos.

Entre essas vertentes que precisam ser contempladas pela disciplina de Libras, deteremos nossa atenção para a produção de um recurso didático que permite a reflexão sobre a interação do surdo com a sociedade, debatendo os mitos construídos socialmente acerca desse estudante e que interferem na qualidade das relações desenvolvidas entre surdos e ouvintes, conforme discutimos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma turma formada por discentes de licenciaturas diferentes traz como desafio a busca por alternativas que favoreçam o aprendizado de licenciandos de áreas de interesse diversas. No grupo de discentes que enseja esse relato, oriundos dos cursos de História, Matemática, Física e Química trouxeram, além das suas visões de mundo singulares, interesses em áreas do conhecimento classificadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como: Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza (BRASIL, 2017).

Apesar de se tratar de um curso de nível superior, realizamos essa aproximação com a BNCC, pois a formação a nível acadêmico está voltada para o ensino dos conteúdos dessas áreas, principalmente em turmas da Educação Básica.

De acordo com a BNCC, o trabalho com o texto deve contemplar:

(...) diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 73).

Nesse trabalho, mais do que discutir o trabalho com o texto, buscamos relatar uma experiência de trabalho mediado pelo texto, mas que isso não isenta o docente de uma disciplina diferente da Língua Portuguesa a explicar aspectos de produção do texto que apresentará o conteúdo proposto por ele.

Na universidade *locus* da experiência que gerou esse relato, a disciplina de Libras é ministrada considerando aspectos teóricos e práticos. Nesse sentido, envolve desde a interação nessa língua, a atividades de inserção desse sistema linguístico no contexto educacional.

A atividade ora relatada localiza-se no âmbito da abordagem teórica, mas que pode ser replicada, pelo discente, na sua prática e, para isso, envolveu as discussões iniciais a respeito das percepções sociais sobre as potencialidades da Libras. Para tanto, realizamos uma atividade que envolveu as perguntas elencadas no livro de Gesser (2009), que compila os principais mitos sobre o surdo, a surdez e a Libras.

O material é apresentado na forma de perguntas e respostas, sendo a mesma didática mantida na discussão com a turma. Inicialmente apresentamos as perguntas, estimulamos as discussões das percepções dos discentes sobre a temática levantada a partir de cada questionamento proposto pela autora e, na sequência, foram abordadas as discussões que a pesquisadora aponta nesse livro.

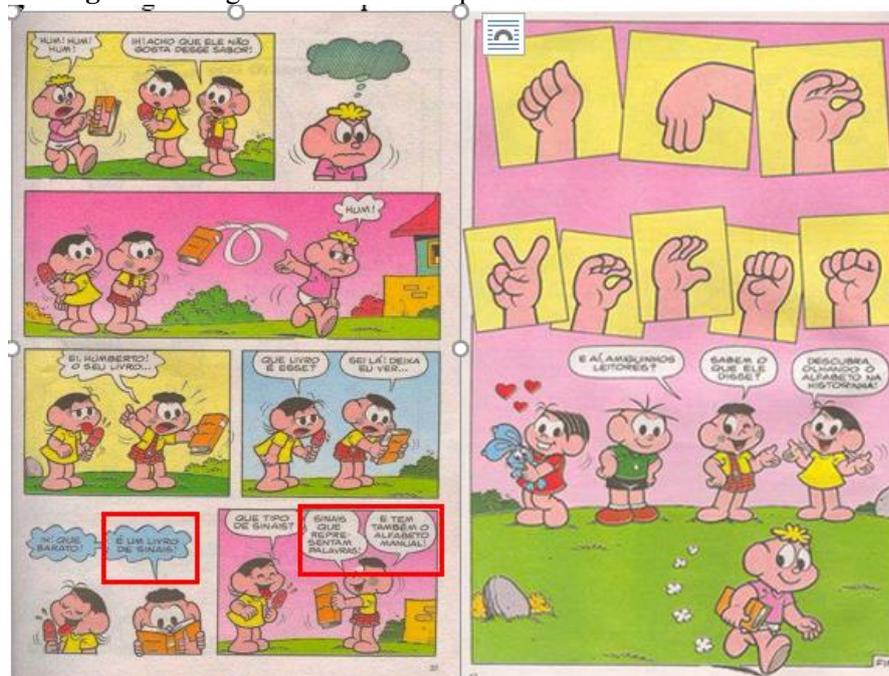
No segundo momento, a professora da disciplina de Libras realizou uma exposição sobre os tipos de histórias produzidos em uma perspectiva gráfica, como Histórias em Quadrinhos, cartum, charge, Fotonovelas entre outros e buscou relacionar às experiências dos licenciandos sobre esses recursos nas suas vivências educativas tanto na Educação Básica, quanto no Ensino Superior. A partir do depoimento dos discentes, notamos que esses textos têm pouco espaço nas práticas educacionais, tendo em vista que são associados, pela maioria desses licenciandos, à literatura voltada para a diversão/entretenimento.

Diante do exposto, a atividade além de aproximar o escrito de Gesser (2009) às vivências dos discentes, tratadas nas narrativas, proporcionou ainda refletir sobre a forma das HQs e o potencial educativo desses textos, em especial, se forem produzidos em uma perspectiva coletiva e inclusiva.

A atividade foi pensada a partir do contato da docente da IES com um curso de formação continuada, denominado Quadrinhos na sala de Aula que, na ocasião, estava sendo promovido na modalidade à distância pela Fundação Demócrito Rocha. Esse curso possibilitou à professora conhecimentos sobre aspectos da HQ, um texto verbo visual e suas classificações e, dentre essas, selecionamos as Fotonovelas, que foram discutidos com os discentes durante a apresentação da proposta.

Na ocasião foram apresentadas diferentes apresentações e uso de textos verbovisuais, associando-os ao(s) suporte(s) de divulgação e ao público leitor desses textos. Os exemplos de HQs abordados foram: a tira, o fanzine, o cartum e a charge. Entre eles, destacamos a história da Turma da Mônica, denominada Aprendendo a Falar com as Mãos, que foi apresentada aos discentes o objetivo de ampliar as discussões sobre o gênero textual, conforme vemos na figura 1.

Figura 1 – Páginas da história “Aprendendo a Falar com as mãos”.



Fonte: Souza (2006).

A história de Maurício de Souza (2006) aborda o encontro de Humberto, o personagem surdo da Turma da Mônica que, após tentar interagir, sem sucesso, em várias situações, com os colegas ouvintes, pede que os colegas aprendam Libras através do livro que ele carrega. Após mais incompreensões, ele se desfaz do livro e o Cascão, outro personagem do grupo, se interessa em saber o conteúdo do livro e descobre que se trata de um Dicionário de Sinais. Assim, Cascão mostra o livro para a turma (Mônica, Cebolinha e Magali) que logo

se dispõe a aprender essa Língua de Sinais para se comunicar com o amigo surdo, deixando Humberto muito feliz. Essa história, apesar da ênfase dada ao alfabeto manual, que é apresentado tomando grande parte da última folha, enquanto há apenas dois sinais da Libras, traz a comunicação em Libras para o universo infantil, estimulando discussões sobre a temática.

A HQ traz ainda comentários interessantes realizados pelo personagem Cascão, ao explicar à Magali que se tratava de um livro de sinais - como podemos observar no destaque à esquerda da figura 1 - que os sinais representam palavras e que o livro também contém o Alfabeto Manual – como identificamos no destaque à direita na figura 2 (SOUSA, 2006). Nesse trecho, dois mitos elencados por Gesser (2009) são esclarecidos: que o alfabeto manual é uma parte integrante da Libras, mas que existem outros sinais que não são utilizados para representar as Letras do alfabeto. Diante disso surge um duplo esclarecimento de mitos: é possível expressar palavras do português na Libras, com o uso de sinais, ou seja, saber somente os sinais que correspondem às letras do Alfabeto Manual não corresponde a interagir por meio da Libras.

Magalhães e Campos (2017, p. 228) afirmam que nessa narrativa:

A aprendizagem que acontece a partir das trocas socioculturais entre personagem surdo e ouvintes na HQs estudada, se reveste da abordagem sociointeracionista na medida em que a língua de sinais é apresentada para fazer a mediação dialógica em pro (sic.) de um sujeito surdo.

Desse modo, as línguas oral e sinalizada são valorizadas e a interação entre surdos e ouvintes, por meio da Libras, incentivadas. Após a análise desse material junto ao grupo, foram apresentadas as possibilidades de desenvolvimento da atividade por meio do desenho ou da fotografia e foi escolhida a Fotonovela como o gênero a ser trabalho na proposta. Optamos pelo formato da Fotonovela, por se tratar de um recurso que não exige que os produtores tenham a habilidade do desenho.

A Fotonovela, para Brandão (2018), é um texto em quadrinhos que se utiliza de fotografias e a modalidade escrita da língua na sua composição. Para o autor, essa estratégia amplia as possibilidades didáticas para os alunos que não dispõem de habilidades para produzir desenhos, possibilitando a participação na atividade e a aprendizagem “[...] desde que mantenham os recursos particulares da linguagem, como o requadro, balão, onomatopeia etc.” (BRANDÃO, 2018, p. 38), em suma, os elementos constituintes das HQs.

Na sequência, foram elencados os elementos necessários para a produção da Fotonovela, ou seja, a composição das imagens nos quadros, tais como: caixa de texto, de

narrativa ou recordatório, que é o nome dado ao espaço, no canto superior esquerdo do quadro usado para indicar tempo ou informações adicionais inseridas pelo narrador (delimitado pelo retângulo horizontal na parte superior da figura 2); onomatopeia (representação de sons por uma sequência de letras determinada); metáforas visuais, que são informações relacionadas a sentimentos e pensamentos, como a fumaça saindo da cabeça para indicar raiva, os corações nos olhos para demonstrar paixão ou mesmo a lâmpada, para mostrar que se teve uma ideia, entre outros (BRANDÃO, 2018).

Apresentamos ainda o registro da cena no quadro (imagem); marcação de mudança de quadros, com a calha ou sarjeta, que são os nomes dados ao espaço entre as imagens (delimitada, ao centro por um retângulo na vertical, na figura 2); a interlocução do quadro com o registro escrito - balões de fala, pensamento, gritos, uso da letra maiúscula, minúscula - (figura 3), entre outros aspectos.

Figura 2 – Calha e recordatório.



Fonte: Brasil (2009).

Figura 3 - Indicativos de fala.



Fonte: Brandão (2018).

Notamos que os discentes, mesmo afirmando que foram leitores de HQs em algumas fases da vida, surpreenderam-se por não terem notado, anteriormente, as especificidades e a riqueza de elementos de composição das histórias. Consequentemente, não tinham ciência dos inúmeros conhecimentos sobre a estrutura do texto mobilizados para a compreensão das HQs. Por isso, consideramos a discussão profícua para a produção desse texto, porque, conforme explica Brandão (2018, p. 36):

O autor imagina as cenas e as apresenta para o leitor, mas é o leitor que dá movimento, voz e sons à história. Aqui entram as tais ‘habilidades interpretativas visuais e verbais’ citadas por Eisner. Por isso, as HQs podem ser consideradas uma mídia interativa, na qual o leitor é corresponsável pelo andamento da narrativa.

Essas habilidades interpretativas se referem aos letramentos, em outras palavras, nas práticas sociais da leitura e da escrita mobilizadas para a compreensão de textos (KLEIMAN, 2005) considerando os seus objetivos, formatos dentre outros aspectos.

Em face dos níveis variados de uso da tecnologia relatados pelos licenciandos, a docente da IES optou por apresentar duas possibilidades de produção da Fotonovela: com o uso dos programas *Word* ou do *Power Point*. A orientação para esses programas levou em consideração a informação dada pelos licenciandos sobre o conhecimento e uso desses programas em outras atividades propostas por docentes da IES que ministram outras disciplinas. Nesse momento da discussão, os discentes identificaram recursos de introdução de cena, ajuste de tamanho de imagem, inserção de balões de fala e de símbolos, etc.

Por se tratar de uma história que envolveria um personagem surdo, foi salutar a apresentação do balão de fala em Libras (figura 4, em destaque à esquerda) e em Língua Portuguesa (figura 4, em destaque à direita), que foram explicados pela docente da IES através da história da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, demonstrada na figura 4.

Figura 4 – Diferença entre os balões de fala.



Fonte: Sousa (2006)⁵

Magalhães e Campos (2017, p. 229) analisaram uma HQ da Turma da Mônica e concluíram que com a inserção de um personagem surdo:

[...] fica visível a interação mediada pela LIBRAS que demonstra sua função social para que o personagem Humberto entre nos diálogos como alguém de fala, que constrói um projeto de dizer através da manifestação gesto-visual, portanto, pertencente à uma comunidade dialógicos, alicerçados em um circuito em que a língua está em uso.

Compreendida a proposta, os licenciandos se organizaram em grupos entre três a cinco componentes para seleção da temática/mito sobre a Libras, o surdo e a surdez a ser trabalhada na história. Notamos que os grupos foram formados, predominantemente, por estudantes do mesmo curso, ainda que de semestres diferentes, devido à facilidade de encontro, na universidade, em outros momentos.

A narrativa deveria ser elaborada no sentido que, no desfecho da história, o surdo pudesse ser compreendido como um integrante da comunidade narrada na história e entendido

⁵ A história pode, além da versão impressa, ser encontrada no site Cultura Surda. Disponível em: <<https://culturasurda.files.wordpress.com/2016/01/turma-da-mc3b4nica-libras.jpg>>. Acesso em 28 abr. 2020.

como uma pessoa que tem ideias e desejos que são expressos na sua própria língua: a Libras.

Os discentes foram orientados a definir a(s) função(ões) assumidas por cada membro da equipe, considerando as suas habilidades e a dinâmica de organização do trabalho. Desse modo, deveriam decidir se essas atividades seriam realizadas na modalidade de rodízio, em especial as funções de fotógrafo e editor, de maneira a favorecer a participação de todos como atores e organizadores do texto. Contudo, foi esclarecido aos discentes que uma das funções a ser realizada por todos seria a de roteirista, de maneira a contemplar as experiências teóricas e de vida construídas por cada componente do grupo.

Discutida e elencada a temática do trabalho, os licenciandos foram convidados a realizar leituras sobre o conteúdo, refletir sobre situações vivenciadas que envolvessem o assunto ou mesmo questionar as outras pessoas do seu convívio se participaram de algum momento que o mito selecionado por eles houvesse sido evidenciado. Essa estratégia de busca visou estimular um estudo exploratório que possibilitasse a identificação na literatura e no cotidiano sobre informações que contribuíssem na produção do roteiro.

Wojciechowski, Meirelles e Vale (2017), no site da Academia Internacional de Cinema, dizem que para elaborar um roteiro, é necessário pesquisa e dedicação, pois é necessário conhecer o assunto, o público, definir o conflito, os personagens, para composição do primeiro registro. Esse texto se chama argumento e é redigido em prosa, seguindo a estrutura início, meio e fim, com o objetivo de apresentar os personagens e a trama. Para essa etapa, realizada na segunda semana de elaboração do projeto, foi destinada 1h/a, com os discentes do grupo reunidos na própria sala ou em outros espaços da sua escolha.

A opção por destinar um tempo em classe para a realização de cada etapa foi pensada no sentido de promover um espaço de encontro e trabalho cooperativo entre os licenciandos, tendo em vista que essa IES agrega estudantes de cidades ou estados diferentes, além de disponibilizar a atenção e o suporte do professor para atender às dúvidas dos grupos. Contudo, observamos que mesmo com a insistência da docente da IES para a realização dessas discussões coletivamente, dois grupos preferiram dividir as etapas para que cada um fosse responsável por um pedaço da elaboração do trabalho. Isso ocorreu em virtude da impossibilidade de encontro de todos os membros (tanto em face de faltas de membros do grupo como na inviabilidade de marcarem reuniões em outros horários por pertencerem a cursos e turmas diferentes nas aulas assistidas nos demais dias da semana).

Na terceira semana, retomando as orientações de Wojciechowski, Meirelles e Vale (2017), os licenciandos foram convidados a pensar e registrar a escaleta, ou seja, o esqueleto do roteiro. A escaleta corresponde à estrutura do roteiro contendo o resumo de cada cena, no

caso da Fotonovela, os discentes foram orientados descrever a imagem que seria necessária para a produção da cena e associá-las às informações/diálogos, ou seja, o texto verbal a ser inserido no texto visual e vice-versa. Esse registro deveria ser cauteloso, pois não seria aceita uma história com imagens repetidas na produção do texto verbovisual, logo, seria necessário identificar adequadamente as cenas para que não fosse necessário voltar a essa etapa, posteriormente, caso faltasse alguma imagem que não tivesse sido prevista na escaleta.

Assim, os licenciandos deveriam planejar as imagens, considerando os ambientes, participantes, posicionamento/enquadramento dos personagens bem como as informações não verbais que seriam apresentadas, de maneira que textos escritos e visuais compusessem uma mensagem coerente. Para a composição do texto, os discentes deveriam produzir ao menos 18 cenas e não foi definido o tamanho máximo. Essa determinação foi inserida apenas para evitar produções muito curtas que comprometessem a fluidez na leitura do texto e dificultasse a compreensão das informações abordadas na narrativa.

Na ocasião, a docente da IES promoveu uma discussão a respeito dos traços linguísticos e paralinguísticos da língua (aspectos não verbais que acompanham a comunicação durante a fala), que também são responsáveis pelo entendimento da mensagem. Assim, no momento da produção da escaleta, seria relevante apontar aspectos da cena, da mensagem descrita em texto ou imagem dentro dos balões de forma que as expressões faciais e corporais correspondessem às falas em grito, cochichos, pensamentos entre outros. O cuidado com a nitidez das imagens e para que transeuntes não fossem fotografados também foi explicada, pois seria relevante não ser necessário providenciar documentações de liberação de imagem em momentos nos quais as produções fossem expostas, bem como evitar quaisquer outros constrangimentos oriundos da exposição indevida de membros da comunidade acadêmica. Para essa etapa da atividade, também foi destinada 1h/a.

Na quarta semana, os discentes tiveram 4h/a livres para produção das imagens, edição do texto, análise do material, revisão (caso necessário) e impressão para a entrega. Na ocasião, a docente da IES permaneceu em sala, para esclarecer as dúvidas e prestar o suporte nas situações que pudesse contribuir. Por isso, os licenciandos foram orientados a realizar a atividade na própria universidade utilizando-se dos celulares para a captura das imagens e o laboratório de informática da instituição para a edição.

Passadas duas semanas, tempo solicitado pelos discentes para reverem e reajustar o material em momentos extraclasse, foi realizada a apresentação das Fotonovelas produzidas pelos grupos. No total foram dez Fotonovelas, que versavam sobre temáticas diversas, como observamos no Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese e títulos das histórias.

	Título	Síntese da história da HQ
1	Convergência de Sinais	Japonesa, recém chegada no Brasil tem dificuldade de comunicação com os brasileiros e conhece um surdo que vivencia as mesmas barreiras. Eles desenvolvem estratégias de superação e passam a socializar das estratégias encontradas.
2	Surdo na sociedade	Surdo sofre violência ao interagir com uma moça e ter o sinal “oi” confundido com gestos obscenos.
3	Comunicação Professor-Intérprete	Professor ministra a aula falando muito devagar devido a presença de um Tradutor-Intérprete da Libras.
4	Surdo-Mudo?	Alunos se encontram após a aula de Libras e discutem os termos “surdo”, “surdo-mudo” abordados na aula.
5	Perdi meu celular!	Um rapaz vê uma surda perder o celular e uma transeunte duvida que ela seja a dona do aparelho.
6	Música como inclusão para os surdos	Escola busca estratégias para incluir os alunos surdos em todas as aulas, inclusive na de música.
7	Uma história de amor, superando as diferenças	Surdo e ouvinte desenvolvem estratégias para favorecer a comunicação e o relacionamento amoroso.
8	Desafio da escola inclusiva	Professora e estudante surdo percebem as dificuldades que ocorrem diante da ausência de um Tradutor-Intérprete da Libras em sala de aula.
9	Surdo-mudo? Mudinho? Deficiente Auditivo? PNE? Portador de deficiência?	Surdo entra para o grupo que treina artes marciais, mas não é acolhido pelo grupo e resolve treinar sozinho. Quando o professor da luta é substituído, os colegas são convidados a serem mais receptivos com ele.
10	O ensaio	Ouvintes promovem espaço de música eletrônica para surdos e esclarecem a importância de proporcionar o acolhimento a eles em todos os espaços sociais.

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro 1, observamos que, alguns títulos, como 3, 6 e 8 são mais próximos de textos acadêmicos do que encontrados em HQs. Já o título 9 não corresponde à história apresentada, tendo em vista que os termos interrogados não são trabalhados na narrativa. Notamos que há textos que convidam a leitura e outros que apresentam, de maneira literal, o tema a ser abordado. Assim, percebemos a necessidade de, além de discutir a estrutura do texto, fornecer, em outras oportunidades de implementação da proposta de produção da telenovela, uma etapa de análise do título junto aos licenciandos.

Considerando que o título é o primeiro contato do leitor com o texto, ele funciona como um convite para a leitura e pode ser responsável pelo interesse ou desinteresse do leitor pela obra. Desse modo, é necessário moldá-lo de maneira criativa para que seja único, memorável e forneça um *insight* da história, sem antecipá-la na totalidade (REIS, 2018). O autor esclarece que, para isso, é necessário, inicialmente, relaxar, pois o pensamento insistente

e a necessidade de produzi-lo de maneira rápida pode bloquear a criação de títulos diferentes.

E acrescenta que, uma estratégia produtiva é o uso da técnica de *Brainstorm* (Tempestade de Ideias) e a atenção às seguintes perguntas: Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê?

Ainda sobre o quadro 1, notamos que diferentes relações são apresentadas nas histórias, tais como: a) amizade, tratadas nas HQs 1 e 7; b) interação entre desconhecidos, abordado nas HQs 2, 5 e 9; c) atividades educacionais/escola, discutidos nas HQs 3, 4, 6 e 8; d) adaptação de espaços de lazer, como na HQ 10. Diante dessa análise, foi possível perceber que os mitos desenvolvidos sobre os surdos interferem em diferentes âmbitos da vida dos surdos e ouvintes e, portanto, precisam ser esclarecidos de maneira a ampliar a participação do surdo na sociedade.

No momento da apresentação das histórias percebemos a timidez de alguns discentes e, em outros, o prazer em ver a sua imagem projetada na tela. Isso revela a subjetividade de cada licenciando e nos questiona a rever os limites de aprendizagem de cada estudante em função da tarefa proposta. Estimula ainda a discutir a contribuição de cada um, com as suas habilidades e/ou com as suas renúncias, para a composição do trabalho final. Dizemos renúncias, pois, em virtude da falta de algum personagem para compor a trama, um colega pode ter lutado contra a timidez, para substituí-lo ou representá-lo contribuir com o grupo e isso revela uma habilidade importante no trabalho em equipe: a colaboração. Observamos e refletimos sobre isso ao notar que alguns discentes preferiram não estar à frente da turma para a apresentação do trabalho e se encolhiam nas cadeiras durante a exposição, pelos demais membros do grupo, da história na qual eles atuavam como personagens.

Na apresentação, primeiramente, cada grupo apresentou a motivação que o levou a construir a história, ou seja, se foi uma percepção do cotidiano ou oriunda de reflexão teórica. Após a apresentação do grupo, houve um espaço para a colaboração dos demais colegas que deveriam relacionar o tema abordado aos mitos trabalhados por Gesser (2009) ou realizar destaques sobre pontos positivos na/da Fotonovela.

Identificamos que se tratam de temáticas variadas fazendo com que esse material, produzido pelos licenciandos, possa ser discutido com os estudantes, como também estimular que os discentes das diferentes licenciaturas utilizem esse e outros recursos visuais para o ensino e a avaliação dos estudantes, discutindo as características de produção de mensagens verbovisuais e estimulando a repensar conteúdos de maneira associada à sua vivência.

Contudo, como limitações, notamos que precisamos discutir e apresentar exemplos sobre outros três aspectos do texto (além do título, como foi citado anteriormente): a extensão

do texto nos balões indicativos de fala; quebra na linearidade da história; repetições de informação na modalidade verbal e não verbal; e a revisão linguística após a produção da HQ.

Identificamos que quatro dos dez textos apresentaram pelo menos um balão indicativo de fala com proporção igual ou maior ao quadrado que delimitava a cena. Desse modo, percebemos que os estudantes, apesar de se revelarem consumidores de HQs, precisam desenvolver conhecimentos para a produção desses textos e, assim, realizarem atividades com esse gênero em outras situações que estiverem mediando à atividade educativa.

Faz-se necessária a discussão sobre a extensão do texto na HQ e a dificuldade de leitura promovida por balões indicativos de fala extensos. Essa leitura causa um estranhamento no leitor visto que o gênero e os exemplos discutidos em classe foram propostos por textos curtos. De acordo com os relatos dos alunos, essas situações ocorreram devido a alterações realizadas no momento da produção e a ausência da revisão da escaleta que deveria nortear as fotografias que compõem o texto.

A quebra na linearidade da história foi observada na apresentação, pois enquanto os alunos do grupo acreditavam que as informações eram suficientes para a compreensão da história, no momento das discussões, os demais colegas da classe indicaram que as informações ficaram difusas e que poderiam ser solucionadas com a inserção de outras cenas ou de recordatórios explicando o recorte de tempo (como: no dia seguinte...; alguns dias depois...; com a chegada de...) ou espaço (de volta à escola...) entre outros.

Essa foi uma oportunidade de discutirmos que apesar do texto ser produzido em equipe, é necessário passar a produção para que outras pessoas, em especial com menor envolvimento com o tema, de maneira que possam indicar as suas impressões sobre o texto, indicando ambiguidades e incompreensões. Essa etapa não deve ser confundida com a revisão linguística, que deve ser realizada por um profissional da Língua Portuguesa, mas por possíveis leitores da HQ.

As repetições de informação na modalidade verbal e não verbal foram encontradas em apenas duas das dez HQs, todavia, chama a atenção para que o trabalho com textos, que envolvam diferentes modalidades linguísticas (textos multimodais), discuta aspectos da produção desses textos, porque, diferentes suportes requerem a atenção aos usos diferenciados da língua, os multiletramentos. Rojo (2012), os letramentos compreendem as práticas sociais de leitura e escrita das sociedades letradas e, com a ampliação do uso de suportes nas interações cotidianas é necessário compreender o uso da linguagem adequado a cada situação tanto para a leitura quanto para a produção de textos.

A última observação se refere à importância de submissão de um texto para a revisão linguística, tendo em vista a sua publicização. Todavia, considerando a opção dos estudantes para a não publicização dos textos, percebemos que, em outras oportunidades, precisamos elaborar estratégias, no decorrer do semestre, para que os estudantes valorizem as suas produções e compreendam a necessidade dos educadores em compartilhar materiais e experiências que possam favorecer o ajuste e replicação em outros grupos.

Isso é relevante porque, essas iniciativas podem contribuir para incentivar outros educadores a utilizarem essas estratégias e recursos bem como criarem e socializarem as suas experiências, ampliando as discussões sobre a prática pedagógica seja suportes acadêmicos (como anais de eventos e revistas científicas) ou em outros espaços que não sejam revisados por pares mas que sejam de acesso de outros educadores, tais como, *sites* educativos, revistas comerciais entre outros. Após as sugestões, os estudantes foram convidados a realizarem os ajustes sugeridos pelos colegas e a professora e enviarem uma versão atualizada da HQ.

A seleção da Fotonovela foi profícua, pois aproxima a história do cotidiano ao inserir personagens representados por colegas com os quais os discentes convivem e evidenciar a natureza verossímil da situação retratada, além de se entenderem como parte da construção de uma sociedade aberta à vivência na diversidade linguística à medida que agem no mundo, promovendo esclarecimentos junto à comunidade, que podem contribuir para modificar as formas de perceber o surdo e se relacionar com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência ora relatada permitiu ressignificar aspectos vivenciados por um dos estudantes (autores da HQ) ou idealizada pelo grupo. Entretanto, em ambas as situações são verossímeis e, desse modo, podem contribuir para ampliar a visão dos leitores do texto sobre a pessoa surda, o preconceito evidenciado em pensamentos e atitudes de outros indivíduos com os quais convive cotidianamente, bem como estratégias de superação dessas dificuldades.

Dentre as habilidades trabalhadas com os discentes no desenvolvimento dessa atividade ressaltamos a criatividade, ética e valores, trabalho em equipe, empatia, entre outras. Destacamos também que alguns discentes se superaram, seja na utilização dos programas para produção das Fotonovelas ou até mesmo na construção das cenas, pois eles precisam discutir proposta para alinhar as ideias e atingir o objetivo que, nessa proposta, tratam-se das Fotonovelas que foram o produto final de estudo.

Resaltamos também que o percurso metodológico adotado foi eficiente, uma vez que a docente da IES trabalhou com os discentes em todas as etapas para construção de HQs, detalhando inclusive os termos técnicos e as definições usadas por profissionais dessa área de conhecimento. Entretanto, destacamos que a atenção sobre a escolha do tema, a linearidade da história e a necessidade de revisão das etapas anteriores (roteiro e produção de escaleta) de construção após a inserção de cada ajuste no texto é necessária, além da busca por leitores que possam contribuir para deixar o texto mais claro e, assim, atingir o objetivo pretendido.

Em suma, o estudo em tela demonstra que é possível em meio aos desafios existentes proporcionar a futuros professores, de uma maneira interdisciplinar, atividades que permitam trabalhar a inclusão de alunos surdos nas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, D. Linguagem dos Quadrinhos. In: UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL. **Curso Quadrinhos na sala de aula**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 24 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. **Acessibilidade**. [S. l.]. Maurício de Sousa Editora, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

KLEIMAN, A. É preciso ensinar o letramento?: Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LEMOS, A. M.; CHAVES, E. P. A disciplina de Libras no ensino superior: da proposição à prática de ensino como segunda língua. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO – ENDIPE, 16, 2012, **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2012.

MAGALHÃES, R. A. N.; CAMPOS, L. S. Com os quadrinhos nas mãos: humor e Libras na Turma da Mônica. **PERcursos Linguísticos: Dossiê: linguagem humorística**, Vitória, v. 7, n. 15, p. 218 – 240, 2017.

MANTOAN, M. T. É. **Educação Inclusiva: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MARTINS, V. R. de O. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. **Caderno do CEOM**, ano 21, n. 28, 2008.

REIS, V. **Título de livro: Como criar títulos perfeitos para suas histórias.** 2018. Disponível em: <https://viltoreis.com/titulo-de-livro/> Acesso em: 21 maio 2020.]

ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (org.) **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, M. Aprendendo a Falar com as Mãos. **Mônica: Que fim levou o Sansão?** n° 239, Ed. Maurício de Sousa, São Paulo, p. 35 – 42, 2006.

WOJCIECHOWSKI, M.; MEIRELLES, C.; VALE, P. M. **Como Fazer roteiro.** 2017. <<https://www.aicinema.com.br/como-fazer-um-roteiro/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.